

DIÁLOGO

O número 416 significa que há 8 anos, a cada semana, com muito poucas abstenções, tenho enviado uma mensagem a cerca de 500 amigos.

E estes Correios são políticos. Por vezes abordam algum tema cultural ou mesmo pessoal, mas são mensagens eminentemente políticas. Eu fui político, durante mais de 50 anos, eu ainda gosto de política e procuro exercer alguma militância, eu valorizo a política, como a atividade mais importante que o ser humano, cidadão, pode desempenhar e, ao menos, tem o dever de acompanhar e por ela se interessar.

Eu penso que a essência da política é o diálogo, a busca de entendimentos e consensos através do diálogo, ou a aceitação e o respeito pelo dissenso, que é o reconhecimento do outro e de suas razões respeitáveis, nunca menosprezáveis.

Na política este respeito sério caracteriza a democracia, que não é só o acatamento à opinião da maioria em eleições livres mas é, também, e sobretudo, o reconhecimento e o respeito pelas minorias, com o atendimento possível dos seus anseios através do diálogo.

O diálogo é não apenas a essência da política democrática mas também, e primeiramente, do comportamento humano em sociedade civilizada, que enseja a política democrática. Quero me referir ao diálogo nas relações humanas, entre pais e filhos, mestres e discípulos, patrões e empregados, vizinhos, colegas e concidadãos, diálogo frequentemente praticado de maneira falseada pela tradição autoritária da nossa sociedade.

Dialogar é falar e ouvir, é ouvir e falar, com respeito ao outro, às suas razões, sentimentos e visões do mundo; com respeito, senão com afeto. Este é o sentido do diálogo habermasiano, que dá à luz a chamada razão comunicativa, propiciadora de consensos, mais rica do que a velha razão positiva, positivista, que ainda orienta a esmagadora maioria das sociedades do nosso mundo, e entrava os avanços da democracia.

Foi tão notável, tão extraordinário o avanço das ciências positivas desde o iluminismo do sec XVIII, fundado na razão positivista, foi tão importante e o seu prestígio atingiu tais proporções que ainda dificulta muito a compreensão e o uso da razão comunicativa, que deve presidir as atividades da política e dos relacionamentos humanos.

Tão extraordinária a força da razão positiva que Augusto Comte, o grande pensador do sec XIX que sistematizou o positivismo, pretendeu criar uma moral e até uma religião positivista, que teve um papel destacadíssimo no Brasil, lamentavelmente esquecido e desprezado hoje, a ponto de se deixar ruir, literalmente, o templo positivista da rua Benjamin Constant, exemplar notável e único nas Américas, que atesta a relevância dessa corrente filosófica em nosso País.

Pois é hora, além de urgentemente preservar o nosso templo positivista, é hora de nos dedicarmos a conhecer, estudar e debater o pensamento do mais importante filósofo da atualidade, Jürgen Habermas, ainda vivo, definidor das condições do verdadeiro diálogo entre iguais, criador da razão comunicativa. Extrair, do seu pensamento sistematizado, todas as consequências deste diálogo entre iguais para o aperfeiçoamento dos nossos sistemas políticos e do nosso próprio cotidiano, em direção a uma convivência menos conflituosa, menos antagônica, menos odienta, mais humanística. Uma convivência e uma política pautadas pela razão comunicativa, esta que emerge do diálogo que leva em conta não apenas os argumentos da razão positiva mas uma racionalidade que contemple as visões, os interesses e os sentimentos dos outros.

Não é fácil mudar um hábito tão arraigado, o da argumentação segundo a racionalidade objetiva, científica, e além do mais autoritária. Mas é necessário neste mundo crescentemente colérico.